

LURDES PINTASILGO: SOLIDARIEDADE FOI A PALAVRA DE PORTUGAL NA ONU

TEMOS QUE DEPENDER MENOS DOS «RICOS»  
DO QUE DAS NOSSAS PRÓPRIAS CONQUISTAS

Fundação Guiar o Futuro

♦ Eanes nos Estados Unidos a convite de James Carter?

«A minha aldeia é todo o mundo (...) que a todo o mundo pertence». Era praticamente inevitável nesta mulher corajosa e decidida. Lurdes Pintasilgo teria que citar um poeta, e agora o escolhido foi o dr. Rómulo de Carvalho, o autor da «Pedra Filosofal». Não terá sido por acaso. E que as palavras do primeiro-ministro de Portugal revelam a tecitura de uma filosofia política cujos contornos são facilmente detectáveis e claramente inequívocos.

«São um convite a conceder alternativas viáveis a optar corajosamente por aqueles que servem todos os homens e o homem de todas as dimensões» — dirigiu-se assim Maria de Lurdes Pintasilgo àqueles para quem «o sonho é uma constante da vida» e que «o Mundo pula e avança». Foi, enfim, um discurso de uma mulher do Estado. De um Estado moderno, que conhece «por anterior e dolorosa experiência própria, o dramático e negativo ciclo da intransigência política».

Lurdes Pintasilgo não fez — não era o local próprio — afirmações retumbantes, catalizadoras do acto entusiástico ou de incompreensão tantas vezes mesquinha dos políticos «de trazer por casa»... Mas sendo a personalizada afirmação de uma política externa de um pequeno país, não deixa este discurso nas Nações Unidas de deixar as áreas de uma atitude moral perante as sociedades em crise, à procura já de um tempo perdido. «É que esta década de 70 confirmou — disse o Lurdes Pintasilgo — de forma inequívoca que a independência económica e a independência política estão íntima e profundamente ligadas». A tal ponto se ligam os dois vectores que nós podemos perguntar, que critérios fundamentam hoje a verdadeira independência. Estaremos já numa fase de troca económica que transcende o Estado-Nação, diminuindo porventura a sua força política? E se assim é, que salvaguarda pode encontrar-se no Estado-Nação para garantia da sua própria autonomia, das liberdades, das suas escolhas e opções?

### «Direitos de todos a não serem meros subalternos»

Logicamente, não caberia a Lurdes Pintasilgo dar respostas definitivas, mas tão-somente equacionar algumas hipóteses de saída. Foi isso que deixou com charme e simpatia no edifício das Nações Unidas. E um desses vectores é fundamentalmente o Homem, o Homem unidimensional de que fala Marcuse. Porque — frisou o primeiro-ministro português — «Os direitos individuais alicerçam toda a ordem interna dos Estados». Há a liberdade e as garantias fundamentais da pessoa humana; há a informação objectiva e a capacidade de usufruir dos bens culturais e de participar no seu aprofundamento e feitura. Diz respeito sobretudo à possibilidade de cada homem escolher o seu destino, criar a sua história, dizer a sua palavra, acrescentar ao Mundo natural e organizado que não fez o gesto pessoal que é a própria cultura em movimento — direito de ser diferente e de exprimir essa diferença. Direito à vida como bem fundamental e direito à satisfação das necessidades básicas que a preservam. E como quem fala do homem fala dos povos, Lurdes Pintasilgo aludiu não apenas ao direito da soberania, mas igualmente e sobretudo ao direito sobre os recursos naturais e sobre o património cultural que dá às populações a fisionomia natural. De resto «direito de todos a não serem meros subalternos que as circunstâncias vinculam a potências mais fortes, mas a serem considerados como parceiros de pleno direito no plano internacional». Isto advertiu em gestos largos, expressivos, tal como a conhecemos aí em Portugal, o primeiro-ministro português, isto porque, repito «parece inútil o esforço dos que no interior de cada sociedade trabalham e lutam por um futuro melhor, por eles desenhado e querido, e que se vêem objectos de um jogo do xadrez, cujas regras desconhecem e não podem influenciar».

## Garantia das liberdades de cada homem

Por tudo isto, Lurdes Pintasilgo venceu as opções de Portugal: o apoio ao desenvolvimento, à luta contra o armamentismo, à autodeterminação dos povos, à nova ordem económica mundial e de informação. E é nessa perspectiva que se anteolham os anos 80. «A grande tarefa dessa década é, em nosso entender, a criação de uma nova ordem internacional que transcende os planos exclusivamente económico e político para se situar também no plano social, cultural e da informação. Não se trata de uma reorganização mais ou menos tecnocrática, do sistema de trocas económicas e comerciais entre as nações. A este nível urge descobrir atitudes mentais, arriscadas e imaginativas e transformações estruturais capazes de integrarom factores que a época do domínio da ideologia industrialista deixou de acto».

Enfim, «tal matriz incorpora o abandono do egoísmo institucionalizado e procura deliberada de métodos sociais e culturais que se situam num registo diferente do mero crescimento económico». Tudo isto é muito claro. Encerra-se aqui, enfim, aquilo que é para Maria de Lurdes Pintasilgo o projeto moral do relacionamento entre as nações». Está em jogo — sublinhou o primeiro-ministro de Portugal — «não somente a mudança de forma de vida de todos nós, nem apenas um novo pragmatismo nas relações entre os povos e os países. Trata-se sobretudo da necessidade imperativa de juntos — pacientemente — sonharmos com fraternidade e à luz da nossa medida, o gosto moral que vem faltando ao relacionamento entre as nações. Deus definirá o perfil do Homem nos tempos novos capazes de justificar a esperança na construção de um novo assento na civilização humana. Não é por isso possível falar em termos mundiais quando só afirma explicitamente o homem singular. É ele que é o princípio e o fim de todo o desenvolvimento, de todo o acto cultural, de toda a concepção política. A garantia das liberdades de cada homem deixa de ser problema restrito para ser um problema mundial».

O discurso histórico que Maria de Lurdes Pintasilgo proferiu na ONU foi ainda o discurso de uma mulher combativa, que não se queda e luta perante os problemas: «Que me seja permitido afirmar, em

relação às mulheres, que o inegável progresso verificado no mundo quanto à participação de algumas delas em postões-chaves de tomada de decisão política não nos deve fazer esquecer que a imensa maioria das mulheres está ainda longe de poder contribuir, em plena igualdade de direitos e de oportunidades, para a criação de novos modelos de vida e sociedade de que toda a humanidade tanto carece». Tudo isto é claro, e é reconfortante saber que a primeiro-ministro de Portugal foi aplaudida demoradamente por grande parte da Assembleia Geral das Nações Unidas. Lurdes Pintasilgo que, hoje, é recebida pelo chefe político da Santa Sé — o Papa João Paulo II.

## Solidariedade

### — a palavra-chave

Resta-nos, em suma, vincar que Portugal trouxe ao umbigo do Mundo, que é o Palácio de Vidro da Nova Iorque, a palavra-chave do nosso quotidiano: a solidariedade. Não será portanto de admirar que Lurdes Pintasilgo tenha utilizado António Gedeão para dizer que «os homens da minha alçada são centenas de milhões». Nós não estamos sós. Maria de Lurdes Pintasilgo provou que Portugal, esse pequeno rectângulo europeu, tem um papel no Mundo de hoje, já que aceita a «via original de cada caminho» mas fundamentalmente «porque exerce uma atitude sem dúvida moral perante o consenso das nações. Consenso esse que Maria de Lurdes Pintasilgo chamou como a nova saiaça perante a ditadura do voto. Tudo se conjuga em si para que a jornada de Nova Iorque de Maria de Lurdes Pintasilgo se transforme num momento alto da vida política portuguesa, já que hoje, Maria de Lurdes Pintasilgo será recebida por João Paulo II, mas mais tarde terá a oportunidade de trocar impressões com o secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, então af tudo poderá ser diferente. Tanto mais que pelos corredores da Embaixada de Portugal em Washington sabe-se que há, da parte da Casa Branca, a probabilidade de Jimmy Carter convidar o general Eanes a visitar os Estados Unidos. Isso nunca aconteceu a um chefe de Estado de Portugal. Seria sem dúvida ouro sobre azul para Ramalho Eanes poder des-

locar-se ao país que domina praticamente o Ocidente. Cier uma quer outra faceta desta viagem de Maria de Lurdes Pintasilgo constituem afinal todo um leque de um comportamento vasto que é resultado inequívoco do «25 de Abril».

## Apelo à normalidade de vida das populações de Timor Leste

Lurdes Pintasilgo apelou, ainda, no seu discurso para «a consciência internacional com vista a que se encontrem condições para uma progressiva normalidade de vida das populações de Timor Leste».

No ponto em que se ocupava do direito à autodeterminação, Lurdes Pintasilgo referiu ainda os casos da Namíbia e do Zimbábue formulando votos para que se encontrasse uma fórmula, na conferência de Londres, «que restaure a legalidade, defenda com equidade os diversos interesses legítimos envolvidos e restitua ao povo do Zimbábue a liberdade efectiva da sua voz e vontade, sem tutelas da minoria interna».

A chefe do Executivo português reiterou, em nome de Portugal, a «condenação da prática política e social do «apartheid», que ofende gravemente a consciência moral das nações e constitui negra barreira para um integral progresso humano».

Referindo-se ao direito à paz, a estadista portuguesa afirmou que «não há estratégia de desenvolvimento, para a década de 80 que seja compatível com a continuação da actual política de corrida aos armamentos».

Reconhecendo a complexidade e «o melindre» das negociações de desarmamento, congratulou-se, em nome de Portugal, com as negociações SALT e atribuiu «significativa importância» às iniciativas no sentido de serem estabelecidos «esquemas regionais de segurança», conforme ocorre com a conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa.

Referindo-se ao direito à pátria, deixou «o claro testemunho de Portugal» acerca das expectativas da gente palestina «para que lhe seja reconhecido o inalienável direito humano de possuir uma pátria, a que livremente se acolha, e

seja posto termo a uma situação que afecta a consciência moral das nações».

## Freitas Cruz convidado a visitar a Líbia e o Bahrein

Entretanto, o ministro português dos Negócios Estrangeiros foi convidado pelos seus homólogos do Bahrein e da Líbia a visitar oficialmente aqueles países árabes — revelou a missão permanente de Portugal nas Nações Unidas.

As entrevistas mantidas em Nova Iorque entre Freitas Cruz e os seus colegas daqueles países decorreram «numa atmosfera de grande cordialidade».

Aos seus homólogos dos países árabes Freitas Cruz exprimiu o interesse do Governo português na intensificação dos contactos entre Portugal e esses países, no prosseguimento de uma política baseada em laços culturais e históricos que os aproximam.

Por outro lado, o ministro português também conferenciou nas Nações Unidas com Kaddouni e Terzi, da Organização para a Libertação da Palestina sobre a realização, em Lisboa, da Conferência Mundial de Solidariedade com o Povo Árabe e a Causa Palestiniana.

Embora se tivesse constatado o carácter não governamental da conferência, ficou no entanto assente por ambas as partes que dirigentes mais representativos do mundo árabe ou palestino que visitassem Lisboa nessa ocasião teriam oportunidade de estabelecer contactos com autoridades portuguesas.

## Encontros diplomáticos em série

Por outro lado, Freitas Cruz conferenciou com o seu homólogo francês, Jean François-Poncet, durante cerca de uma hora.

O assunto principal das conversações dos dois ministros foi a próxima visita a França do presidente da República, general Ramalho Eanes.

Jean François-Poncet reafirmou a grande importância que o presidente Giscard D'Estaing atribuiu à visita e o interesse com que aguarda a oportunidade para trocar impressões com o chefe de Estado português.

As conversações entre os dois ministros, além de abranger assuntos bilaterais, permitiram abordar também outros temas de interesse comum, nomeadamente a situação em Africa.

Freitas Cruz avistou-se também com o ministro romeno dos Negócios Estrangeiros, Stefan Andraş, com quem debateu várias questões no contexto das relações luso-romenas e problemas ligados à Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, que se realiza em Madrid no final do próximo ano.

As conversações de Freitas Cruz com o ministro tanzaniano dos Negócios Estrangeiros incidiram sobre as relações da Portugal com os países de expressão portuguesa e a evolução do problema rodesiano.

Freitas Cruz teve igualmente contactos com o seu homólogo da Jugoslávia.